

# humanitas

**Vol. XIX+VV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA  
MCMLXVII-LXVIII

Orfismo, quando aceita, a p. XXX, que a «palavra de antanho» de *Leges* 715e diga respeito a uma fórmula dessa seita (como declara, aliás, a nota *ad locum* da edição Budé de Platão).

A terceira parte ocupa-se da transmissão do texto, principiando por esta sensata e honesta declaração: «Procurar escrever a história do texto de Aristóteles é levantar mais problemas do que hoje podem resolver-se» (p. CLVIII). O A. limita-se aos três manuscritos mais importantes e mais antigos, embora ocasionalmente recolha as variantes de outros mais recentes; usa ainda a tradição indirecta antiga. Deste modo apresenta um aparato crítico eclético, mas suficiente.

A tradução, de cuja dificuldade o A. tem plena consciência, é fluente e agradável, sem deixar de ser clara.

Algumas páginas de notas no fim do volume esclarecem o entendimento do tratado. Observemos a este propósito que teria sido útil dar a numeração dos fragmentos de Empédocles, Anaxágoras e outros Pre-Socráticos, cujas doutrinas Aristóteles discute, ao menos segundo Diels, se não também segundo Kirk and Raven.

A edição termina com três folhas desdobráveis com esquemas, num total de doze figuras, para ilustração de algumas das teorias expostas no livro.

Obra feita com saber e cuidado, esta edição do *De Caelo* é um contributo precioso para o estudo da ciência antiga.

M. H. R. P.

**Die hippokratische Schrift «Über die heilige Krankheit».** Herausgegeben, übersetzt und erläutert von HERMANN GRENEMANN. *Ars Medica. Texte und Untersuchungen zur Quellenkunde der Alten Medizin. Schriftenreihe des Instituts für Geschichte der Medizin der Freien Universität Berlin. II. Abteilung, Griechisch-lateinische Medizin, Band 1.* Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1968. XIV + 126 pp. DM. 42.

A história da Medicina tem honrosas tradições em Berlim, que a actual direcção do Instituto que, na Universidade Livre, se consagra, desde 1963, a esse ramo do saber, se propõe continuar. Para tanto, dispõe de um grupo de classicistas orientado para esse tipo de investigação, e decidido a proceder da única maneira que permite realizar trabalho sério neste domínio, ou seja, a ir às fontes. Esta a finalidade a que se destina a colecção *Ars Medica*, que, com o sub-título de «Textos e investigações sobre as fontes da Medicina Antiga», abrangerá três secções: Medicina do Oriente Antigo, Medicina Greco-Latina e Medicina Árabe. Cada volume comportará a edição crítica de um texto, acompanhada de tradução numa das línguas modernas principais e de um comentário linguístico e científico, de maneira que seja igualmente útil para filólogos e médicos. Nisto se distingue de outras séries de escritos científicos até agora publicadas.

Para inaugurar uma colecção planeada nestes moldes, nenhuma obra seria mais adequada, sem dúvida, do que o hipocrático *De morbo sacro*, que, para além do seu significado dentro da ciência a que pertence, é um dos mais acabados exemplos do racionalismo grego. Por outro lado, o editor encontrava-se em condições excepcionais para executar este trabalho, pois se dedicara já, no Seminário de Filologia Clássica em Hamburgo, ao estudo da tradição manuscrita do livrinho, e é, além disso, um dos colaboradores do Léxico de Hipócrates, com acesso, portanto, ao abundante material do *Thesaurus Linguae Graecae*. Daqui resultou um estudo de uma riqueza de material, segurança de método e sobriedade na exposição que tornam a sua leitura um verdadeiro prazer espiritual.

E, contudo, os problemas a resolver são múltiplos e as certezas a atingir pouco numerosas. De tudo, aliás, o A. dá objectivamente conta no prefácio. Aí discute, em primeiro lugar, a posição do *De morbo sacro* na Medicina Antiga, definindo logo de entrada o seu papel deste modo: «O tratado sobre a Doença Sagrada é a expressão da luta permanente de homens que pensam cientificamente contra a superstição, a estupidez e o ousado charlatanismo. Pretende, como uma peça de Paideia que é, esclarecer e informar os homens ..... Esta atitude espiritual ganhou sempre novos admiradores, na Antiguidade e em tempos modernos, ao pequeno mas expressivo escrito, e fê-lo tomar um lugar de primeiro plano no grande número de tratados de Medicina Antiga que se conservam» (p. 5). Analisa depois a questão da terminologia, notando que o seu autor, embora rejeite a designação tradicional de *λεγή νοῦσος*, não chama à doença pelo nome que depois lhe ficará adstrito, de *ἐπίληψις*, como acontece em outros escritos médicos do séc. V a.C., o que prova a anterioridade deste em relação a essas obras (pp. 5-6). Estuda, em seguida, um dos problemas principais que directamente se prende com o da autoria: a sua posição no *Corpus Hippocraticum*. Na tentativa de agrupar os escritos dessa colecção de obras, de doutrinas por vezes discordantes, à volta das duas grandes escolas, a de Cós e a de Cnidos, autoridades como K. Deichgräber e M. Pohlenz inclinaram-se para a atribuição do *De morbo sacro* à primeira, e M. Wellmann à segunda. É nesta última linha que o A. se situa. Principia por estabelecer paralelos com o *De aere, aquis, locis*. A aceitação da identidade de autores de *M.S.* e *Aer.* tem sido perfilhada por grandes helenistas, desde Wilamowitz a Pohlenz. O A., porém, examina de novo a questão, e fundamenta a sua opinião na comparação cuidadosa de palavras, frases, estrutura, teoria e posição religiosa de ambos os tratados, nomeadamente *M.S.* cap. 5 e *Aer.* cap. 10 e 24, *M.S.* e *Aer.* cap. 22, chegando à conclusão de que é comum a ambos a atitude racionalista, e de que o maior traço de união é o método (p. 16); e, embora não haja argumentos definitivos, os mais convincentes estão do lado dos que aceitam o mesmo autor (p. 18). Em seguida, apresenta paralelos com os escritos geralmente aceites como sendo de Cnidos (sobretudo a partir dos trabalhos de Ilberg). Os exemplos dizem respeito à estrutura da exposição dos casos clínicos, e assim comparam, primeiramente, o esquema deduzido, para *M.S.* 5, da aproximação com *Aer.* cap. 10 e 24, com o de *Morb.* II.6; em seguida, a estrutura de *M.S.* com a de *Int.* cap. 18. Mostra, em conclusão, concordâncias com a escola de Cnidos, para além das formais (as condições patofisiológicas e anatómicas são fundamentalmente as mesmas), mas também divergências (ausência da doutrina do *pneuma*).

Uma terceira parte do prefácio ocupa-se das relações de *M. S.* com escritos para além do *Corpus Hippocraticum*, nomeadamente os de Alcmeon de Crotona,

Diógenes de Apolónia e Abas ou Aias. Relativamente ao primeiro, o A. acentua a influência exercida pelos seus princípios nosológicos (equilíbrio e medida, excesso e insuficiência) na escola de Cnidos. Também aqui temos a louvar a prudente reserva com que analisa os escassos dados da questão. Não nos parece, porém, de aceitar a hipótese (aliás, só como tal proposta) da n. 49 da p. 28, de as exposições clínicas dos escritos de Cnidos terem tido como modelos os quadros do próprio Alcmeón, uma vez que nada nos autoriza a supor a existência de tais quadros antes de Hipócrates.

A segunda secção do prefácio é uma cuidadosa análise da tradição directa e indirecta, que abrange a descrição dos manuscritos e ainda uma exposição sobre erros característicos dessa transmissão. Nesta última alínea compreende-se uma pequena morfologia, que é do maior interesse para os estudiosos da linguística grega.

Ao texto, aparato crítico e tradução alemã — cuja linguagem clara e fluente merece ser realçada — seguem-se ainda esclarecimentos (com resumos e comparações com *Aer.*) e notas de crítica textual. Entre os índices, é de salientar, pela sua utilidade, o de palavras, que fornece preciosos exemplos do vocabulário científico da obra.

Objectividade, clareza, rigor, amplitude de informação, eis as principais qualidades que recomendam este trabalho. Não se poderiam desejar melhores auspícios para a colecção, por ele inaugurada, de textos para a história da Medicina.

M. H. R. P.

**Xenophontis Institutio Cyri.** Edidit W. GEMOLL. Editionem correctiorem curavit J. PETERS. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri. MCMLXVIII. XXIV + 472 pp.

É do conhecimento de todos os estudiosos de Xenofonte que a tradição manuscrita deste autor é tão difícil como confusa, e as poucas recuperações papirológicas não têm contribuído muito para a esclarecer. No entanto, algo se tem progredido, desde que, em 1912, W. Gemoll publicou na Biblioteca Teubneriana a sua edição da *Ciropedia*. Assim, Gemoll estabeleceu que, das três famílias de Mss. dessa obra, a classe *x* era a melhor e *z* a menos valiosa, o que provava com diversos exemplos. Porém os trabalhos de A. W. Persson (*Zur Textgeschichte Xenophons*, Leipzig, 1915) demonstraram que a escala de valores estava invertida, uma vez que a classe *x* é que devia ser menosprezada, em favor de *y* e *z*. Tal doutrina foi mais recentemente corroborada por H. Erbse (*Geschichte der Textüberlieferung der antiken und mittelalterlichen Literatur*, Band I, Zürich, 1961, pp. 269-270), que supõe que um erudito bizantino anotou à margem as lições que pôde, constituindo assim as recensões de *y* e *z*, e que dentre essas é que o redactor da classe *x* escolheu arbitrariamente as que entendeu.

Partindo destes princípios é que J. Peters se abalançou a preparar uma edição correcta — utilizando o processo, já seguido noutros volumes da colecção, de assinalar com um pequeno quadrado na margem os lugares em que devem introduzir-se as alterações ou acrescentos constantes dos *addenda et corrigenda*. Estes, que afectam sobretudo o Livro I, incluem as correcções de Persson e outros, além das próprias. Uma das mais interessantes (sobretudo porque vem confirmar, indirectamente, a superioridade de *y*) é a de 1.4.16, onde, por Ox. Pap. XVII.2101 ler *ἀθήρεντα ὄντα*, Hunt propôs que se emendasse *εἶναι ἄτε* (que coincide com a lição de *y*) *ἀθήρεντα ὄντα*. Uma emenda feliz parece-nos ser a preferência dada à *lectio difficilior* de *y* — *σαλεύων* — em 2.4.6, e bem assim a supressão do particípio *σπάζς*, introduzido por Gemoll em 3.3.7, com base no paralelismo de construção com 4.1.1, e que J. Peters, em confronto com 8.5.22, mostra agora ser desnecessário. Diversas emendas dizem respeito à morfologia, e nem todas são igualmente fáceis de comprovar. Assim, por exemplo, se parece sem dúvida mais provável a presença da forma temática *ἐπεδείκνυε* em 1.4.10 e a forma do singular, com contracção entre o preverbo e o aumento *προδεδεικνύκει*, em 2.3.16, já é um caso mais duvidoso a regularização do acusativo do plural *ἱππίας* em vez do analógico *ἱππεις* em 3.3.65, 5.3.1, 5.3.24 e 5.4.32. É certo que, epigráficamente, a forma analógica não está documentada antes de 307 a.C. (cf. Meisterhans, *Grammatik der attischen Inschriften*<sup>3</sup>, § 57), mas, por um lado, os manuscritos de Xenofonte oferecem pouca confiança, e, por outro, um exemplo como o verso 390 do *Ájax*, onde L tem *βασιλῆς* (exactamente, *βασιλῆς*, no qual Jebb pensou ver uma mão mais tardia no inaceitável iota subscrito), confirmado pelo gramático Herodiano, e admitido como forma modelada no nominativo pelos comentadores mais recentes, Stanford e Kamerbeek, deixa-nos na dúvida.

A obra comporta agora uma bibliografia actualizada, onde só é de notar a ausência de menção de dois artigos publicados na revista *Emerita*, o de G. Andrés Martínez, «Sobre un códice de Jenofonte del s. X (Escorialensis 174. T. III.14)» (23, 1955, 232-257) e o de F. Gómez del Río, «Manuscritos de Jenofonte en bibliotecas españolas» (26, 1958, 319-354). O primeiro recua, com fundamento na análise paleográfica, e seguindo uma sugestão de Marcel Richard, o Ms. Escorialensis T.III.14 para o séc. x, tornando-o assim o mais antigo, não só da *Ciropedia*, como de todo o Xenofonte; esta nova data teve depois a concordância de Dain e Irigoin. O segundo estuda, de pp. 341 a 345, além do Escorialensis, o Matritensis 4639, do séc. xv, embora não lhe reconheça valor para a reconstituição do texto.

Os estudiosos de Xenofonte têm aqui uma edição correcta da *Ciropedia*, que vai continuar a prestar os seus serviços, mas ficam aguardando o momento em que seja possível incorporar as emendas nos lugares devidos, e, sobretudo, aproveitar o códice do séc. xv recentemente legado por F. Patetta à Biblioteca Vaticana, e que contém de 1.2.2 a 6.1.36 ou seja, cerca de três quartos da obra, — códice que J. Peters lamentou, e com razão, não ter podido utilizar para o seu trabalho.

M. H. R. P.